

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
COGEAE

CANTO DOS MALDITOS
Uma visão da história de Austregésilo Carrano Bueno

São Paulo, SP
2012

Natalia Sarkis

CANTO DOS MALDITOS

Uma visão da história de Austregésilo Carrano Bueno

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do certificado de Especialista em
Jornalismo Cultural do Programa de Especialização
em Comunicação Jornalística, orientada pela
ProfªDrª Rejane Cantoni

São Paulo
2012

Agradeço e dedico esse trabalho a todos que me ajudaram e que sempre estiver perto de mim:
à minha orientadora, Rejane, amigos, meus pais, meu irmão, minha avó e meu avô (*in
memoriam*).

INTRODUÇÃO

Quando comecei a pensar este trabalho, fiquei com a ideia de abordar a transposição de obras literárias para o cinema; ou se preferir, o uso que o cinema faz da literatura. Talvez pelo fato de ser tão intrigante a maneira como duas linguagens completamente diferentes conseguem se unir muitas vezes tão bem.

A intenção de trabalhar novamente essa mistura de linguagens não saía da minha cabeça, até que um estalo veio à minha mente: por que não tornar esse estudo empírico? Por que não eu mesma escrever o roteiro de um filme (no caso, transpor um conto para um curta-metragem) e relatar essa experiência na monografia?

A ideia era genial. Mas a execução não foi tão simples. Após indas e vindas, tive que abandonar esse projeto e optar por algo mais simples, mas que fosse igualmente impactante. Depois de assistir a uma palestra sobre o cinema nacional na Bienal do Livro de 2010, com a presença de Laís Bodanzky e Luis Bolognesi, acabei ficando intrigada com a parceria deles, com o modo deles trabalharem. Mais especificamente, com o Luis. Roteiro sempre foi uma arte que me atraiu e fascinou.

Saindo da palestra, senti uma vontade de procurar mais detalhes. Pesquisando, o interesse foi crescendo cada vez mais. Foi então que resolvi estudar o filme *Bicho de Sete Cabeças*; por ser o primeiro longa-metragem dos dois e por ter toda uma relevância no cinema brasileiro, tendo conquistado vários prêmios, nacionais e internacionais.

A princípio, pensei que o objeto da minha pesquisa era a relação entre diferentes linguagens através da adaptação cinematográfica. Quais são as semelhanças, diferenças, como é feita a passagem de uma linguagem escrita (texto), cujo universo de criação é tão vasto, para uma linguagem visual (cinema). O que deve ser colocado, suprimido, como determinar essas escolhas, enfim, como montar a transposição de uma obra literária para uma obra cinematográfica.

Aos poucos, fui construindo a minha visão da obra. Quando se fala em adaptações, sempre existem questões como o que o olhar do autor da adaptação sobre o livro traz de diferente, o que tem de a mais para as pessoas. Por que o que ele imaginou é mais importante? O que ele está querendo mostrar? O que julga tão relevante naquele livro para essas pessoas saberem? Quer abrir os olhos das pessoas que irão ver o filme para o quê?

Conversando com a professora Rejane Cantoni, logo no nosso primeiro encontro, ela sugeriu trabalhar o meu olhar sobre as duas obras, apontando as diferenças e semelhanças entre a minha visão e a de Laís Bodanzky e Luis Bolognesi.

A primeira tarefa designada por Rejane foi que eu lesse primeiro o livro “Canto dos Malditos”, de Austregésilo Carrano Bueno e fizesse anotações a respeito das sensações que eu tinha, dos pontos que mais me chamavam a atenção na história, as imagens que passavam pela minha mente. O passo seguinte seria assistir ao filme *Bicho de Sete Cabeças* três vezes; da primeira, sem fazer nenhuma anotação, apenas assisti-lo. Na segunda e terceira vez, anotar passagens que eu achava interessante, pontos semelhantes e diferentes entre filme e livro, impressões.

Como já havia visto o filme uma vez, há muito tempo atrás, algumas imagens já tinham sido criadas no meu imaginário, principalmente no que diz respeito aos personagens principais. Por exemplo, para mim, o Rogério, interpretado por Caco Ciocler, sempre teve aquele rosto, aqueles gestos. Não consegui imaginá-lo de uma forma diferente. Assim como os pais do personagem principal – na visão de Laís Bodansky, o Neto. No livro de Austregésilo, ele próprio.

Assim que terminei de assistir a transposição da Laís, o primeiro pensamento que veio à mente foi: “está faltando alguma coisa...”. Não sabia exatamente o que era. Na época, esse questionamento, se transformou na minha hipótese. Os trabalhos foram avançando e eu não conseguia responder a essa pergunta. Na verdade, acredito que até hoje não consigo respondê-la.

A partir dessa hipótese, comecei a escrever o meu filme, tentando entender esse vazio que eu sentia na versão da Laís Bodansky e do Luis Bolognesi. Após alguns meses, fiquei tão envolvida na história que estava contando, que essa questão passou para segundo plano. Na verdade, já nem me lembrava mais dela. O fazer o meu filme acabou se tornando mais importante do que o que faltava em filme *Bicho de Sete Cabeças*. O meu olhar sobre o livro de Carrano acabou ganhando uma relevância maior do que o olhar da Laís e do Luiz. Em nenhum momento estava analisando o processo criativo deles. Mas estava analisando o meu próprio.

Cada capítulo do livro foi sendo trabalhado separadamente. Conforme ia lendo, tudo o que texto despertava em mim, imagens que vinham a minha mente, sons, lembranças, sensações, enfim, tudo era escrito ao lado do texto original.

Foi nesse momento que realmente compreendi o que era o significado de transpor algo de uma linguagem para a outra; a questão do olhar sobre uma obra. E é isso que vou tentar fazer ao longo desse trabalho.

O COMEÇO

Um ponto que sempre esteve claro desde o início foi que a mesma história foi contada por três pessoas diferentes: por mim, pela Laís Bodansky e pelo Luiz Bolognesi e pelo próprio Austregésilo Carrano, sendo que ele vivenciou-a.

A primeira hipótese serviu de ponto de partida para o início do meu filme. Após esse passo, acreditei que estivesse tentando compreender o processo de adaptação. Pois eu estava me colocando no lugar das pessoas, dos roteiristas que fazem uma transposição do livro para o cinema. Uma das questões que planejava colocar seria a seguinte: se eu me colocar no lugar de quem faz uma adaptação, uma transposição, eu vou conseguir compreender melhor como se dá essa passagem do livro para o filme?

Como não domino a linguagem do roteiro, escrever esse trabalho como se fosse um começou a atrapalhar. O texto estava ficando confuso, com palavras que não ajudavam o andamento da história. A partir dessa conclusão, palavras e expressões como “fade in”, “fade out”, “close no rosto de”, “travelling”, imagem de”, “cena de”, foram suprimidas. Isso possibilitou uma maior fluidez do texto.

Após ter lido o livro e assistido ao filme, a minha visão da história passou a ser uma junção dos dois. Muitas mudanças foram feitas, como omissões e inversões de fatos vividos por Carrano (tirados do livro), criação de cenas próprias, inclusões de cenas diretamente do filme, ou seja, um remix.

Kirby Ferguson, cineasta americano, criou uma série de vídeos chamada *Everything is a Remix*, dividido em quatro partes. No início da primeira parte, em um remix da abertura de Guerra nas Estrelas (Star Wars) aparece a seguinte definição : “Remix: to combine or edit existing materials to produce something new.”¹ Em seus vídeos, o americano aponta como exemplos várias músicas, de várias bandas diferentes, que ao longo dos anos fizeram remixes de grandes músicos do passado, dando uma roupagem nova. Um exemplo logo citado no início

¹ “Remix: combinar ou editar material existente para produzir algo novo.” (em livre tradução)

do vídeo “Part I – The song remains de same” é um sample utilizado por décadas da música “Good Times” da banda Chic, por diferentes músicos, entre eles Gabriel O Pensador e Daft Punk, respectivamente nas canções “2345meia78” e “Around the World”. Segundo Kirby, o remix começou no meio musical, mas hoje praticamente tudo pode ser remixado: fotos, vídeos e até mesmo textos. Como é o caso desse trabalho.

Depois que foi percebido que era um remix o que o meu trabalho estava se transformando, ficou mais fácil trazer coisas de universos diferentes. Já que era remix, porque não extrapolar os limites do papel? Por que não tentar passar os sons para o papel? Por que não tentar mexer com os limites espaciais? Questões relevantes, mas de difícil aplicação. Tive alguma dificuldade em colocar isso em prática. Só consegui compreender melhor a questão espacial do texto depois de rever o filme *O Livro de Cabeceira* do diretor Peter Greenaway. As graphic novels de Will Eisner compiladas no livro *Nova York – a vida na grande cidade* também serviram de inspiração. Através desse volume, consegui entender melhor como o som é passado no texto, como dar ênfase através das palavras e o lugar que o espaço ocupa no papel. Algumas partes em que as palavras ganham destaque foram pensadas, outras nem tanto. Apenas segui o instinto de colocar de determinada maneira. Após essa mudança da disposição do texto no papel, aos poucos fui utilizando outros recursos como o tipo da fonte, tamanho, negrito para expressar como seria o som no texto. Ao usar essa técnica, quis passar alguns sentimentos como: alegria, horror, desespero, êxtase, indignação, sufoco.

O meu projeto se transformou em um remix, pois o ponto de partida para a criação desse texto foi um livro e um filme baseado nele. Embora a obra de Austregésilo Carrano Bueno esteja mais presente no trabalho, o filme também aparece na criação, a partir do momento que só consigo visualizar determinados personagens como foram visualizados pela Laís. A única exceção é Carrano, pelo simples fato que a cineasta criou um personagem ficcional para contar a história dele, enquanto eu optei por inserir o próprio no meu texto.

Por conta de toda essa questão de livro e filme estarem presentes no texto, foi necessário adotar um esquema de cores. Verde para toda a citação direta do livro, azul para a toda a citação direta do filme. Tudo o que não for citação direta, ou seja, quando eu estiver falando, em preto. No princípio, foi cogitado o uso de quatro cores, inserindo vermelho para todas as minhas observações e comentários que seriam feitos ao longo do trabalho, como uma maneira de mostrar o processo e o porquê de determinadas escolhas, o que se passava pela minha cabeça. A medida que foi sendo realizado, a história começou a ficar visualmente “suja”, além de atrapalhá-la, o que levou a decisão de tirar essas partes do texto onde a

história se desenrola e colocá-la aqui, na introdução, para um melhor entendimento do processo criativo.

Como li o livro de Carrano com um objetivo claro (estudar o livro e o filme inspirado na obra), tentei prestar atenção ao máximo de detalhes que ele trazia. Em se tratando de um livro denúncia sobre o uso de eletrochoque e abusos sofridos pelo autor nas instituições em que estava internado, achei que o sentimento de horror iria estar presente em grande parte do livro, mas não foi o que aconteceu. Não sei se por conta do foco que eu estava dando, mais preocupada com anotações das imagens que ele me trazia (que foram muitas) acredito que o livro não me passou nenhum sentimento de indignação, que talvez fosse o esperado que eu sentisse. No fim, acredito que grande parte do encaminhamento que dei à história era para suprir essa falta que eu senti.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Ao começar a trabalhar a história, segui a ordem que Carrano contava a sua experiência. contei os três primeiros capítulos detalhadamente, mantendo a fidelidade ao livro. No meio do processo, em uma das revisões que fiz, senti que o primeiro capítulo estava muito deslocado do resto da narração. Foi nesse mesmo momento que o caminho que estava seguindo ficou mais claro. O interessante era a passagem do protagonista pelo hospital psiquiátrico e o que ele viveu lá. Na minha visão, o antes não era importante. Após essa compreensão, decidi eliminar todo o primeiro capítulo que havia sido escrito, transformando o segundo capítulo no início da história.

Outro capítulo de *Canto dos Malditos* que acabou sendo suprimido em sua maioria foi o quarto e último. Nele há muitas informações e detalhes que resolvi não colocar para preservar uma maior fluidez. A história de Carrano se divide em várias interações. De todas as passagens que teve por sanatórios, duas delas são mais representativas; a primeira e a última. Conforme ia desenvolvendo o meu remix, surgiu a ideia de juntar tudo em um único hospital psiquiátrico.

Laís Bodanzky comenta no texto “Uma peça-chave” desde o começo queria ficcionalizar a história de Carrano, transpondo-a para os dias atuais, tanto que muda o nome do protagonista de Austregésilo (Austry) para Neto.

“A primeira coisa que disse para ele (Luiz Bolognesi) era que queria transpor a história vivida por Carrano nos anos 70 para os dias de hoje, afinal tudo estava igual atrás dos muros e queria causar este impacto no espectador”²

Laís já sabia que o seu filme ia tomar esse rumo mesmo antes da história começar. Eu não; quando comecei a colocar o meu filme no papel, não sabia que chegaria nesse ponto, tanto que comecei contando a história com o nome real do protagonista: Austry. Conforme a história foi tomando corpo, a necessidade de ficcionalizar o personagem foi aparecendo. Entretanto, decidi não mudar o nome do protagonista, afinal se trata da história dele. Por mais que eu tenha modificado, ainda a base é a vida de Austregésilo Carrano Bueno. Nada mais justo do que manter o seu nome.

Havia algumas imagens que eu queria muito repetir no meu filme, porque acreditava que eram fortes e não podiam ser deixadas de lado, como o momento em que Austry lambe o chão como uma forma de pré-penitência para que o choque não fosse aplicado. Outra é a de Austry vendo Rogério tomar o choque. No momento em que Austry assiste Rogério recebendo o eletrochoque, a intenção era que duas coisas caminhassem juntas: a respiração e o terror. Eles seguem uma certa sincronia, mostrando que mesmo estando fisicamente separados, ambos estão vivenciando a experiência, como se fossem um só.

Conforme fui caminhando para o fim da história, nunca pensei em seguir um final diferente do apresentado por Carrano e pela Laís Bodanzky e Luis Bolognesi. Nesse sentido fui bastante fiel ao livro. Não encontro uma razão para isso ter acontecido. Apenas fui escrevendo e o texto pelo levou para esse desfecho.

Por se tratar de um trabalho diferente, não há uma conclusão. O que fiz foi recriar uma história que já tinha sido contada por duas outras pessoas, acrescentando o meu olhar e as minhas influências. Tudo isso para mostrar como a arte vive essencialmente da colaboração.

² BOLOGNESI, Luiz; *Bicho de Sete Cabeças*: roteiro do filme; São Paulo: Ed. 34, 2002. “Uma peça-chave”, – de Luiz Bolognesi, editora 34, pág 7

A HISTÓRIA

“Jamais sonharia aonde os caminhos da minha adolescência me levariam. Algo que supus acontecer apenas em filmes americanos de terror aconteceu.”³

O pai de Austrý está no corredor da sua casa indo para o quarto do filho. O cabelo grisalho é volumoso, há tempos que ele não o corta. A camisa azul está um pouco amassada. O colarinho está torto. Os passos são rápidos, porém inseguros. Ao entrar no quarto do filho, o encontra sentado em uma mesinha com cadeira, estudando, de costas para a porta.

- O que você está fazendo Austrý?

- **Estudando.**

- Tem prova?

- **Vestibular.**

- Ah... Filho, eu estou indo visitar um amigo meu que está no hospital. Você vem comigo?

Austrý levanta o corpo, vira-se e faz uma cara de nervoso.

- **AGORA????**

- É.

- **Mas eu estou no meio da matéria...**

- É que ele tá muito mal e eu não queria ir sozinho...

- **Tá bom, vai!**

Pegou o blusão que está em cima da cama e saiu do quarto bufando, seguido pelo pai.

Chegando ao tal hospital, Austrý sai do carro e comenta:

- Lugar bonito esse aqui.

- Você acha?

- Aham.

³ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 51

Os dois andam em direção das duas grandes portas da entrada, localizadas em uma fachada de tijolos, com um jardim em frente e vários bancos, sem grades ou cercas fechando o local. Os dois estão de costas; a paisagem que cerca o sanatório é imensa... eles parecem pequenos no meio de tanto verde. Austy sobe as escadas de dois em dois degraus; já o pai a escala com um pouco de dificuldade, apoiando uma das mãos na perna.

Ao entrar, Austy olha para cima, para os lados, curioso com o lugar. De repente dois homens de branco, com um meio sorriso, ficam um de cada lado. Eles são mais altos que o garoto e mais fortes. Como em um movimento sincronizado, cada um pega em um braço do menino. Assustado, interroga:

- Ei, o que vocês pensam que estão fazendo?

- Pai, pede para eles me largarem.

- Pai???

- Paaaaii???

ê

ê

ê

ê

Ê

Ê

Ê

Ê

Ê

I

A

P

Austry é arrastado pelos dois enfermeiros. Eles foram obrigados a usar mais força do que imaginavam, já o garoto não parava de se debater e gritar pelo pai. O corredor por onde é levado é em frente da porta principal. Conforme vai saindo da visão pública, o local vai sofrendo uma modificação; as paredes da entrada que são brancas, vão sendo trocadas por pastilhas azuis claras nos corredores, algumas quebradas, além de sujeiras nos vãos e rejundes. Austry olha para todos os lados, procurando uma saída.

SLAM!

Austry olha para trás, depois para frente, DESESPERADO. Ele é levado até uma sala, com alguns móveis antigos e simples, cadeiras de metal e fórmica em tons de azul claro, o mesmo das pastilhas. Esperando por ele, um enfermeiro negro e forte, de estatura mediana. Em pé, com uma prancheta na mão, preenchia uma folha de papel.

- O que eu estou fazendo aqui?
- Nome?
- Tem algum erro aí, meu. Eu vim com meu pai visitar um amigo dele.
- **Qual seu nome?**
- Austry.
- Nome completo.
- Austregésilo Carrano Bueno [Neto](#).

Colocou a pasta em cima de mesa e puxou uma mesinha com rodas, em tom creme, para perto dele. Sobre ela, estava uma pequena bandeja de metal, com um pano branco cheio de manchas amareladas por cima. Começa a preparar uma injeção para aplicar no garoto.

- Uma injeçãozinha de nada. Nem vai doer.

Acorda com certa dificuldade. Um pouco tonto, começa a ver o lugar em que está. Ainda com a imagem um pouco turva, consegue identificar um quarto. Pequeno, com as paredes pintadas de um cinza claro descascado. A cama era de metal e fazia um barulho constante, por conta das molas desgastadas. O estado do colchão não era possível de se ver à primeira vista por causa dos lençóis azuis claros, mas dava para perceber que era velho pelo tanto que ele afundou só pelo fato de Austrý ter passado algumas horas deitado. Do lado, uma mesinha, também de metal, com uma gaveta e uma abertura onde estavam as roupas do dia anterior. Ainda com dificuldade, levantou-se e foi em direção à porta. Olhou para os dois lados do não tão extenso corredor. O fim de um dava para uma parede (seu “apartamento” era um dos últimos), enquanto o outro parecia sair em algum lugar. Caminhando, passou por diversos quartos. Alguns vazios, outros não; alguns internos estavam dormindo; outros acordados. Em um deles havia um homem, baixo, que ficava andando de um lado para o outro, batendo palmas. Era Pernambuco. Austrý parou um pouco e ficou observando aquela cena.

FUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU

Confuso, o garoto segue em frente. Chega a um grande salão com diversas mesas, bancos compridos e vários internos. Era o refeitório. Ali teve uma noção de quantos homens havia lá, e dos mais variados tipos: idosos, magros, gordos, negros, mulatos, brancos, altos, baixos,... Ao passar pelas mesas, alguns o olham com curiosidade; outros com indiferença. Alguns chegam perto, o tocam, cheiram, passam o dedo na sua pele e o colocam na boca; outros fogem.

Encontrou um lugar. Sentou-se e tomou seu café, segurando o copo com as duas mãos ainda trêmulas.

Depois do café-da-manhã, os internos são levados para o pátio, onde tomam o seu banho de sol. Um enfermeiro indica o caminho apontando para Austrý seguir os outros. A claridade incomoda seus olhos. Quando consegue abrí-los, fica sem reação. Tenta assimilar as várias imagens que acaba de ver. O pátio não era muito grande. O muro que cerca o lugar era bem alto e branco. Mas não escondia a necessidade de uma nova pintura. Havia tinta descascada e manchas pretas por todos os lados. Também tinha um banheiro, evitando que os internos voltassem para dentro e se separassem do grupo – além do trabalho extra para os funcionários. Ele era pequeno, com uma porta de madeira que mal fechava de tão estragada que estava - pendia mais para um lado do que para o outro, como se uma das dobradiças não estivesse colocada. Ficava em um canto onde havia uma árvore com um pouco de grama em volta, que mais estava parecendo mato. Esse era o único sinal de vida daquele lugar. Se já não estivesse ocupado, provavelmente aquele seria o seu canto.

O resto do pátio era cimentado, com nenhum lugar para sentar que não fosse o chão. No local especial de Austrý estava tomado por internos que mais pareciam zumbis do que pessoas. Eram homens em estado mental deplorável; já não eram mais humanos. Ficavam andando de um lado para o outro com as suas roupas e mãos sujas de fezes, principalmente as calças. Elas pendiam com os excrementos dentro da roupa, além do elástico estar tão frouxo que a calça quase caía. Não era estranho ver alguns internos deitados diretamente no chão, ou então apoiados na parede, com o rosto de frente para ela. Ainda abismado, Austrý andou até encostar em um muro começou a descê-lo até chegar ao chão, enquanto tentava assimilar tudo aquilo com uma angústia que não parava de crescer dentro dele. Foi quando um cara chegou perto, sentou-se do lado dele com um cigarro caseiro em uma das mãos. Era Rogério, um interno com várias passagens por aquele sanatório. Essa última já fazia cinco meses. “estava cansado, vinte e dois anos que pareciam 30. O que ele já tinha sofrido, só ele sabia. Não era muito alto. Moreno claro, cabelos escuros, despenteados, rosto redondo, barba por fazer.”⁴

- Tá afim de um trago?

Desconfiado e assustado, Austrý diz que não com a cabeça.

⁴ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; págs 63 e 64

- Rogério – diz, estendendo a mão.

- A-A-A-Austry – balbucia.

- Primeira vez?

Austry concorda sem dizer uma palavra.

- Tá assustado, né cara? Na primeira vez é assim mesmo. Com o tempo você se acostuma.

Austry lança um olhar de surpresa para ele.

Olhando para frente, Rogério dá um sorriso depois de ter dado uma tragada no cigarro.

- Você se acostuma porque depois de ter entrado em um lugar como esse, você nunca mais sai.

- Não vai me dizer que ninguém aqui nunca tentou fugir?

- **FUGIR???** **Impossível** cara! Tá vendo aquele enfermeiro de branco ali? Sentado na cadeira de alumínio, lendo o jornal? Só ele tem a chave daquela porta, e sem ela a gente não chega a lugar nenhum.

Inconformado, uma raiva começou a crescer dentro do garoto, até que ele explodiu:

- Eu tô aqui sem nenhum **médico** ter me avaliado... simplesmente perguntaram o meu nome, ME APLICARAM UMA **INJEÇÃO** E ME JOGARAM EM UM QUARTO. **AFINAL,**

NÃO TEM NENHUM MÉDICO NESSA MERDA DE LUGAR????????

- Tê tem. – diz Rogério. Mas isso não quer dizer muita coisa. Ele mesmo não está nem aí. Passa de vez em quando para nos glorificarmos com a sua presença. E depois vai embora...

Falando no diabo... – Rogério aponta com a cabeça enquanto traga o cigarro.

- É esse o médico? – pergunta Austry

Rogério faz que sim com a cabeça enquanto solta a fumaça e mostra os dentes. Mais do que depressa se levanta e corre para falar com ele, enquanto Rogério solta um olhar de descrença. Quando chega perto, já há vários internos ao redor do médico, louvando sua presença, tocando-o. Era um sujeito baixo, gordo, de cabelos brancos e óculos redondos. Estava usando um avental branco com um estetoscópio, mas com certeza só para cumprir tabela. Austry tenta de todas as maneiras chegar até ele:

- Doutor, eu preciso falar com você. **DOUTOR?! Ô DOUTOR!** Eu tô no lugar errado!

Grita por seu nome, tenta puxar seu braço, mas ele não se vira nem um minuto e continua caminhando para a porta de saída do pátio. Os internos, como condicionados, param de segui-lo, mas Austry continua em frente, até que o enfermeiro se levanta da cadeira e com uma das mãos interrompe a investida de dele.

- **Opa**, onde você pensa que vai?

- Falar com o doutor.

- Pra quê?

- Pra falar que houve um engano. Olha, cara, eu não sou doente. Vocês podem fazer todos os exames, e aí vão ver que estou no lugar errado.

- Você não está no lugar errado. Você está aqui para fazer um tratamento.

- Mas eu não sou doente.

- Rapaz, você acha que não é doente. Mas é. Você fuma maconha, não fuma?

Silêncio. O enfermeiro insiste:

- **FUMA OU NÃO?**

- De vez em quando.

-Então. É para o seu próprio bem.

- Mas o médico nem me examinou. **Como vocês podem dizer se sou ou não viciado sem me examinarem???**

O enfermeiro, já sem paciência, diz:

- Olha, amigo, é melhor você se acalmar e voltar para o seu canto. PARA O SEU PRÓPRIO BEM!

Austry, sem outra escolha, desiste e volta para o canto, cabisbaixo. Rogério, ainda sentado, dá mais uma tragada, olha para o garoto e diz:

- Não falei?

O menino mostra toda sua inquietação pelo jeito de se portar: dobra os dois joelhos com força, entrelaça os braços neles e reclama:

- Isso não é justo!!! Ninguém me examinou, como podem saber se sou viciado ou não??? Tá confesso, de vez em quando fumo um baseado sim, mas não sou viciado!!! Não podem me tratar como um!!!

Rogério muda de posição, virando de frente para Austry e fala em tom sério:

- **FICA NA SUA** AUSTRY! SE VOCÊ NÃO FICAR QUIETO, VÃO TE APLICAR A TORTULINA!

Austry olha com cara de curioso e pergunta:

- O que é isso?

- É uma injeção de Haloperidol...repuxa todos os músculos,dói pra caralho! Se tu tomar muito disso vai ficar igual àquele cara ali, ó, o Grandão.

Rogério aponta para um interno que está em pé em um canto do pátio: mais ou menos alto, um pouco gordo, de um branco quase albino, com a cabeça raspada e o olhar fixo. E continua:

- A PORRA dessa injeção repuxa todos os nervos. É como uma íngua dando em vários nervos ao mesmo tempo, cara... o efeito dessa injeção retorce todo o corpo. Dói pra diabo essa droga do capeta! Eles aplicam nos pacientes que estão exaltados, é uma forma de

controlá-los, pois ficam completamente sem ação física. Por isso, se acalme de vez...senão, te levam para enfermaria e te aplicam a droga.⁵

Atônito com o que descobriu, tenta mudar de assunto para tirar essa imagem da cabeça, já que por um segundo, viu que esse poderia ser o seu futuro.

- Por que você está aqui, Rogério?

Rogério estica bem o braço, coloca o cigarro na boca, dá umas batidas com a mão e diz:

- Pico.

S

I

L

Ê

N

C

I

O

- Tá errado tratar alguém que é viciado aqui. Os coitados vivem sedados o dia inteiro. Mas o pior de tudo não é isso; é o eletrochoque. O médico responsável é louco por ele.

-“ aTé AcHo QuE eLe DoRmE cOm A mÁqUiNa Na Mão”– imita uma tremedeira enquanto fala.

Austry se assustou de novo, mas não queria demonstrar.

“Rogério não estava sendo nada agradável com esse papo. Ao contrário, estava me deixando cabreiro. Ele já podia ser considerado um freguês de hospício. Saía e voltava. Mas era uma fonte de informações. Verídicas? Só o tempo diria...”⁶

⁵ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 58

- Vou andar um pouco. – disse Austrý.

Rogério abaixa a cabeça, **já com sinais de calvície**⁷, como se estivesse saudando-o.

Caminhando, Austrý percebeu uma agitação no canto dos malditos. Um enfermeiro estava tentando dar remédio para um dos esquecidos, mas ele relutante, lutava para não tomar. Esperneava e batia nele até que os comprimidos foram parar no chão. Cansado e ao mesmo tempo furioso, segurou o interno pelos cabelos e gritou com ele, enquanto erguia as mãos e balançava a cabeça do crônico de um lado para o outro. Acuado, o interno não tinha para onde fugir; estava meio em pé, meio sentado, com os joelhos dobrados. Levava a mão em seu rosto para se proteger dos tapas que recebia, sem muito sucesso. Depois de muitos socos e pontapés, o enfermeiro largou-o, deu-lhe as costas e foi embora, mas não sem antes pisar e esmiuçar os comprimidos que haviam caído. Porém isso não impediu que os outros esquecidos caminhassem até lá, uns de quatro, sem os joelhos tocarem no chão, outros mais agachados. Alguns com as pontas dos dedos, alguns com a língua, tentavam pegar o que sobrou dos cinco comprimidos brancos. Um a um iam se aproximando. Podia se contar sete ou oito crônicos. À medida que o pó branco ia sumindo, um começou a pular em cima do outro e a brigarem. A confusão só terminou quando não restou mais nada dos comprimidos. Austrý olhou tudo aquilo pasmado. Inerte em sua visão, só voltou para onde estava através da voz do mesmo enfermeiro chamando seu nome. Ele estava com um copinho plástico na mão. Esticou-a e esperou que ele o pegasse. Ao pegá-lo, pode ver cinco comprimidos brancos, redondos, de diferentes tamanhos e mais um rosado.

- O que é isso?

- Medicação.

- Remédio??? Como assim??? Isso não é possível!!! O médico não me examinou, e vocês estão me dando drogas??? **Não vou tomar!!!**

O enfermeiro soltou um suspiro característico de pessoa sem paciência, e, em tom ameaçador, mandou que ele tomasse senão seria pior. Olhando os comprimidos, com um

⁶ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 61

⁷ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; págs 63 e 64

olhar desolado, achou melhor obedecer. Com a mão, colocou os cinco na boca de uma vez e virou o copo amassado de alumínio com água.

Um homem, gordo, meio careca, com um bigode, cigarro na boca e usando um avental branco encardido, entrou no pátio e gritou:

- ALMOÇO!

Após o aviso, os internos saíram correndo. Empurravam-se para conseguir passar pela porta. Um queria chegar antes do outro. Austrý não. Foi andando calmamente até entrar no refeitório. Era uma visão completamente diferente do que tinha tido antes de ir para o pátio. Vários internos sentados nos bancos azuis descascados, com pratos de alumínio e copos em frente de cada um deles e uma colher. Alguns já tinham sido servidos, outros não.

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

CHOMP

Sentou-se ao lado de Rogério e logo foi servido por um funcionário do hospício com uma colher enorme e um balde de metal. Era uma mistura de arroz, feijão, abobrinha e uma carne picada parecendo sola de sapato. Ao olhar aquela comida, sentiu uma ânsia muito forte. Empurrou o prato com uma das mãos e cruzou os braços em cima da mesa. Rogério trouxe-o de volta para ele,

- Não vai te ajudar em nada não comer... Por mais que seja ruim...

Depois de soltar um suspiro, Austy pega a colher com um pouco de comida e põe na boca. Ela não fica por muito tempo lá. Mostrando uma feição de nojo enquanto tentava mastigar, acabou não aguentando e cuspidando-a no prato mesmo. Rogério não se abalou. Enquanto comia, disse para o companheiro:

- Você acaba se acostumando...

Austy empurrou o prato novamente. Um dos internos se aproxima, olha para ele e devagar começa a retirar o prato. Austy só observa, pensando o que ele ia fazer. O interno senta e de uma vez começa a comer, não se importando com a comida cuspidada. Aquela cena abalou Austy. Levantou-se e caminhou em direção ao quarto. Andava se arrastando. Pressentiu um nó na garganta. A vontade de chorar começou a subir pela garganta. Tentava engoli-lo. Não adiantava. As lágrimas escorriam pelo rosto. Ao chegar, se jogou na cama, com porta aberta e tudo e começou a soluçar. Chorou até dormir.

Zzzzzz

Zzzzzz

Zzzzzz

Zzzzzz

Zzzzzz

Zzzzzz

Zzzzzz

Austy é acordado por um enfermeiro. Em suas mãos, mais um copinho de remédios. Dessa vez eram três.

“**Porra**, só hoje já tomei oito remédios. É muito mais do que na minha pior gripe”.

Mas resolveu obedecer e virou o copinho na boca.

- É hora de ir para o pátio – falou. Deu as costas e saiu.

Austry sentou-se. Parecia que tinha tomado uma porrada. Com certa dificuldade, apoiou as mãos na cama e empurrou-a para baixo, para se levantar. Parecia um morto-vivo enquanto andava pelo corredor. Ao chegar ao pátio, percebeu que tudo estava igual, como pela manhã. Era como se as horas nem tivessem passado. Achou o seu canto vazio, sem ninguém. De certo modo, sabiam que era dele. Sentou-se. Acendeu um cigarro. Sem Rogério do lado com o papo cabrera, pode observar mais aquelas pessoas.

Mas, na cabeça de Austry, pareciam mais animais. Alguns estavam sentados no chão, jogando cartas. Truco; era o que aparentava pela excitação dos participantes. Até um dos enfermeiros se juntou ao grupo. O canto dos malditos continuava do mesmo jeito. Alguns deitados no pouco de grama embaixo da árvore, outros andando de um lado para o outro, outros encostados na parede, contemplando o nada, sem se incomodar com o reboque mal feito machucando as costas. Mudando o olhar, percebeu que alguns internos o observavam fixamente... mais exatamente para a sua mão. Quando o cigarro acabou, jogou-o no chão. Nesse momento vários malditos correram em sua direção para pegar a bituca. Austry até se virou com as duas pernas dobradas e levantou para sair do caminho deles. Os olhos estavam fixos e só a viam. Um pulou em cima do outro, mordendo o pescoço. O interno mordido gritou de dor e saiu. O outro tentou pegar mas veio um terceiro usando as unhas afiadas para arranhá-lo. Eles começaram a brigar até que um quarto, sorrateiro, andando de quatro, esticou o braço e pegou-a. Saiu todo contente, segurando-a e fumando-a com uma das mãos, enquanto a outra se apoiava no chão. Enquanto isso, os outros dois ainda estavam brigando. O enfermeiro que estava jogando cartas se levantou calmamente e foi em direção a eles, tentando apartar a briga, mas sem muito esforço. Foi aí que Austry descobriu uma nova diversão: jogar bitucas de cigarro para os esquecidos.

Passado um tempo, resolveu ir ao banheiro. Levantou-se e caminhou em diagonal, em direção da pequena cabine que ficava no pátio, Aparentava um daqueles banheiros do interior, que ficam fora da casa. Entrou e enquanto estava lá, teve a sensação de que alguém o estava examinando. Ao sair, viu todos os esquecidos em volta dele. Parados, encarando-o. Começaram a andar em sua direção, ainda com o olhar fixo, e a tocá-lo, principalmente no cabelo comprido. Tentando sair daquele meio, levou algumas arranhadas e seu cigarro foi ao chão. Um grupo correu para não perder o fumo. Na confusão, trombou com Grandão. Saiu de lado, cansado.

- Arf, arf, arf

Encontrou com Rogério no meio do pátio;

- O médico quer te ver.

O enfermeiro ficou esperando do lado da porta o tempo todo; que ele fosse ao banheiro, se vestisse com as roupas do sanatório, se penteasse, enfim, tudo. Austrý achou aquilo um pouco estranho, mas pensou que fosse o procedimento para os recém-chegados. Saiu do quarto e andou em direção ao refeitório.

- Epa! Epa! Nã, nã, nã, nã! – diz o enfermeiro colocando as mãos nos ombros de Austrý e o conduzindo para o lado certo. Você não vai tomar café por enquanto.

Austrý seguiu o enfermeiro, em toda a sua ingenuidade. Atravessaram o refeitório, onde vários internos já estavam comendo. Colocou a mão na barriga e pensou:

“Pô... eu tô com **fome!**”

Passaram por mais alguns corredores e viraram para a direita. À esquerda, havia mais quartos e de lá partia um cheiro insuportável que seguiu um pouco pelo corredor onde Austrý estava. Ele até chegou a virar o rosto para trás, mas o cheiro era pior, aumentando a ânsia que sentia sem nada no estômago. Então desistiu e virou novamente a cabeça. O enfermeiro parou em frente a uma porta, pegou seu molho de chaves e a abriu. Fez sinal com a cabeça para Austrý entrar. Então, começou a fechá-la. Austrý, instantaneamente, bateu a mão nela e perguntou:

- **Ei, o que que é isso???**

- O médico vai falar com você.

- Mas eu tenho que ficar trancado??? **PRA QUE ISSO???**

- **O médico vai falar com VOCÊ.**

Sem contra-argumentar, tirou a mão e ficou em pé, olhando a porta ser fechada e trancada.

Essa porta era diferente da do seu quarto. Havia uma pequena abertura que dava para ver tanto dentro como fora daquele cubículo. Como era um pouco baixo, ficou na ponta dos pés e olhou através dela, para ver se via alguém passando.

Nada.

O corredor era escuro, cinza, com uma fraca iluminação, feita por uma lâmpada de 20 volts. Olha para um lado; vazio. Olha para o outro; também vazio.

De tempos em tempos ia até a abertura para ver se via alguém. Até que um momento, sentado no chão com os joelhos dobrados abraçando-os, no silêncio daquela ala, ouviu um CLAP, CLAP, CLAP ao fundo. O bater de palmas foi ficando mais alto. CLAP, CLAP, CLAP . E mais alto.

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

Ergue a cabeça que estava apoiada nos joelhos e presta muita atenção. Naquele corredor vazio, o barulho ressoa. *Levanta rapidamente e corre para a abertura.* Olha de um lado e não vê ninguém. Olha para o outro e vê, um pouco distante, Pernambuco, o batedor de palmas.

- Ei, psiu, **vem cá!**

O interno parou de bater as palmas, mantendo as duas mãos juntas; virou para trás.

- **VEM CÁ!**

Andando de um modo rápido, meio pulando, meio arrastando os pés, o interno chegou até a porta. Colocou os olhos na mesma abertura onde os olhos de Austry estavam. Eles ficaram um de frente para o outro. Pernambuco copiava o mesmo movimento que Austry fazia. Se os olhos do garoto iam para a esquerda, os dele também iam. Se iam para a direita, os dele também iam. Eles ficam assim até que o interno tira os seus da abertura. Some. Os de Austry começam a procurá-lo, desesperado, indo de um lado para o outro rapidamente, até que uma boca aparece e lá vem um sopro nos olhos de Austry. A cara e a expressão de nojo são inevitáveis, já que o cheiro de podre veio forte como nunca.

ARGHT!

Voltou o rosto para a pequena janela, colocou a boca na abertura e disse para o esquecido:

- Chama o Rogério.

CLAP, CLAP, CLAP

- Ei, psiu, chama o Rogério.

CLAP, CLAP, CLAP

- Ei!

O interno parou com as palmas, virou-se e colocou os olhos na abertura.

- Chama o Rogério, fala para ele vir até aqui. Mostra o caminho para ele.

Pernambuco repetiu o gesto do garoto, dando um largo sorriso, de uma bochecha à outra. Ele tinha um sorriso bem grande, daqueles que conseguíamos ver os dentes. Virou as costas e saiu.

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

CLAP, CLAP, CLAP

Desolado, por pensar que foi em vão, Austrý sentou-se encostado na porta. De repente, ouviu alguém chamar seu nome, quase como um sussuro:

- Austrý.

Austrý.

Austrý,

onde você tá?

Austrý.

Austrý.

Austrý,

Era Rogério. De um pulo, levantou-se, colocou a boca no buraco e falou:

- **ESTOU AQUI ROGÉRIO!**

- Shhhh...NÃO FALA TÃO ALTO SENÃO OS CARAS VÃO PERCEBER E VAI SOBRAR PRA MIM!

- Tá bom...

- Tá tudo bem, cara?

- Tá sim... só quero saber por que eu to trancado nessa merda de lugar???

-Xiiiiii Austrý... acho que vão queimar os teus chifres...

- **O QUÊ?**

- CHOQUE, CARA! E JÁ FALEI PRA VOCÊ NÃO GRITAR!

- **Eletrochoque???**

Como assim????????

- É o tratamento que eles dão aqui para os viciados.

- **Mas eu não sou viciado!**

- MAS PARA ELES NÃO FAZ DIFERENÇA. O SEU PAI DISSE QUE VOCÊ ERA, ENTÃO VOCÊ É. VOCÊ ATÉ ESTÁ EM UM QUARTO ESPECIAL. NÃO REPAROU QUE A CAMA É DIFERENTE?

Austrý levanta para checar. Rogério tinha razão. Era feita de madeira, incluindo o estrado.

- E... a que horas eles aplicam isso?

- Às **10** horas.

- E que horas são?

- Vinte para as **7**.

S I L Ê N C I O

- É cara, sinto muito... Mas não dá para fazer nada. Aguenta o tranco que passa rápido.

E foi embora.

TumTum
TumTum ARFARF
TumTum ARFARF
TumTum ARFARF
TumTum ARFARF
TumTum ARFARF
TumTum ARFARF
ARFARF

Começou a se sentir sufocado, só imaginando o que poderia acontecer.

Na solidão daquele cubículo, começou a andar em círculos e falar sozinho:

- Isso não pode estar acontecendo!!!

- Na hora que eles abrirem a porta, eu vou fugir, é, é isso que eu vou fazer. Vou fugir.

- eu empurro o mais fraquinho deles e daí quando o outro grandão vier pra cima de mim, eu passo por baixo das pernas dele e chego até a porta.

- aí, eu tranco a porta. Não, não, primeiro eu roubo a chave do grandão enquanto passo por baixo das pernas dele e aí fecho a porta e tranco. Eles vão tentar abrir enquanto eu estiver trancando, mas eu sou mais forte! Eles nem vão ter tempo de tentar.

- só me amarrando eles vão queimar meus chifres, só me amarrando!!!

- só me amarrando

- só me amarrando...

- só me amarrando...

- só me amarrando...

- só me amarrando...

Foi um misto de raiva, ódio, desespero. Andava de um lado para o outro, angustiado, impaciente. Chega a sentar na cama. As mãos esfregam as pernas, sem parar de se mexer. As horas pareciam não passar. Ia frequentemente para a porta perguntar para quem passasse, que horas eram. E cada vez que perguntava o horário, somente alguns minutos tinham se passado. Aquela espera do que ia acontecer estava acabando com ele.

Conforme o momento vai chegando, a agonia vai aumentando... várias cenas de vários jeitos dele: sentado no chão, na cama, deitado na cama, andando pelo quarto, encostado na parede.

Conseguiu se controlar, mas foi por um curto espaço de tempo... somente até ouvir gritos vindo do quarto ao lado.

- **Não, por favor, eu não quero. Eu tenho me comportado, muito bem!**

- Isso não é punição. É tratamento. Entendeu? TRA-TA-MEN-TO.

- Mas eu tô bem... **PELO AMOR DE DEUS**. Não preciso mais disso não...

- Olha, você **VAI TOMAR**. Pode ser do jeito **fácil** ou do jeito **difícil**.

Austry reconheceu uma das vozes: era do enfermeiro que o tinha trazido para o quartinho. Junto com a voz dele, outra surgiu; uma voz de pessoa velha, grossa, quase rouca, com uma certa autoridade. Diz:

- Você precisa ficar calmo...

- MAS NÃO PRECISA DOUTOR.

- ... não vai doer nada.

“Esse deve ser o médico” – pensou Austrý.

- MAS EU NÃO QUERO ESSA MERDA!

- Enfermeiros.

Austrý começa a ouvir alguns barulhos, como se a vítima se debatesse e tentasse fugir dali.

- Segurem ele pelas pernas e o coloquem na cama.

Por alguns minutos só ouvia a respiração abafada do interno até que de repente...

- Hauuummmm.⁸

Enquanto testemunhava o horror, Austrý ficou estático, parado. Apavorou-se. Sabia que seria o próximo. Com o passo apressado, anda de um lado para o outro tentando achar uma saída, um buraco pequeno que seja. Lembra da janela. Corre até ela, mas vê que está coberta de grades. Tenta removê-las, balançando-as, para a frente e para trás. Girando-as. Sente as irregularidades das barras de ferro; a ferrugem começa a tomar conta. A tinta está toda descascada; basta colocar tocar nelas que as mãos ficam todas sujas de cinza. Impossível de sair. Rodinhas se aproximam. De repente para. Alguém olha pelo buraco da porta. A porta é destrancada. A porta começa a se abrir devagar.

[illegible]

“Meu Deus! estou tonto, falta-me ar. Só ouço as batidas do meu coração. Minhas pernas estão tremendo, acho que vou desmaiar.”⁹

⁸⁷ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 89

Entram dois enfermeiros, seguidos pelo médico.

- O-O vo-vo-cês fa-fazer
 q-quê vvvão comigo?

Um deles se aproxima e pega Austy pelo braço, levando-o até a cama. Sem reação, aterrorizado pelo **medo**, ele obedece. Olha para a porta e vê o doutor, com os dois tubos na mão e um leve sorriso. O garoto é deitado na cama, de barriga para cima com a cabeça virada para a porta. Depois, sente um dos enfermeiros segurando as suas pernas com força enquanto o outro coloca uma de suas pernas dobradas no tórax de Austy, ao mesmo tempo suas duas mãos seguravam os braços dele. Os olhos do menino iam de um lado para o outro, tentando ver o que estava acontecendo.

Arf, arf, arf

Clima de tensão no ar.

Arf, arf, arf

- Abre.

Arf, arf, arf

O médico coloca um pano enrolado na boca de Austy.

- Morde. Com força.

Ele obedece.

Passou um líquido nas têmporas do paciente e fez um sinal com a cabeça para os enfermeiros, que começaram a pressioná-lo com força para baixo. O médico olhou ele de cima, examinando a face para ver se estava tudo certo. Recuou para trás.

S

I

L

Ê

N

C

I

S I L Ê N C I O

- Hauuummmmm.¹⁰

Desfalece.

Mal viu seus olhos esbugalhados enquanto sofria o eletrochoque. Por mais que os enfermeiros o empurrassem para baixo, seu corpo subia e tremia de uma maneira incontrollável. Ao desmaiar, o médico tira o pano e uma espuma branca começa a se acumular nos lábios, até que vira o rosto de lado e a baba escorre por um dos cantos da boca.

No dia seguinte, quando acordou, tudo estava confuso. Com a visão meio turva, levantou-se com dificuldade. Tudo doía. Devagar, foi andando até a porta, que estava aberta. Passou pelo corredor, pelo refeitório - só de sentir o cheiro de comida, teve vontade de vomitar. Segurou. Foi até o pátio, onde se sentou no primeiro lugar disponível que encontrou. Ficou com o corpo meio sentado, meio deitado, com o tronco torto e as pernas esticadas. Estava com muita dificuldade para respirar, cansado. Os olhos eram vermelhos; estavam repletos de sangue. Nem tinha condições de falar. Rogério sentou-se ao seu lado, bateu nas suas pernas e falou:

- É foda, cara...

¹⁰ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 89

As outras noites foram desesperadoras. Austry sempre tinha medo que ia acordar com um enfermeiro esperando na porta. Até que um dia isso realmente aconteceu.

“Só pode ser um pesadelo”.

Esfregou os olhos e nada daquela figura sumir.

“Talvez se eu deitar de novo...”

E deitou-se novamente. Foi quando o enfermeiro foi até o seu lado, pegou-o pelo braço, forçando para que Austry saísse da cama. Ele levantou, mas fez sinal que precisava ir ao banheiro. Ao entrar, desesperado, procurou um jeito de fugir, mas era óbvio que não seria por ali. Resolveu seguir o enfermeiro. Conforme iam chegando mais perto da sala, maior o desespero. Resolveu tentar a sorte e quando o enfermeiro não estava olhando, saiu correndo. Não sabia para onde estava indo, mas precisava tentar. Passou pelo refeitório, viu a porta do pátio – lá não ia dar em lugar nenhum; olhou de um lado para outro e notou um corredor onde nunca tinha passado antes. Entrou nele. Foi parar na ala dos malditos. Viu o Grandão e o Pernambuco. Dessa vez não batia palmas; varria . De um lado e depois do outro. Parecia que estava tentando entender o que se passava.

ELE TÁ ALI, Ó!

PEGA ELE!

RÁPIDO, RÁPIDO!

Não era somente um, mas três enfermeiros corriam atrás dele. Virou à direita e passou por uma ala cheirando muito mal. Pode perceber que havia mão nas paredes, em tom marrom, e com um cheiro que dava enjôo. Merda, só podia ser... os quartos só tinham alguns colchões velhos nos cantos do chão.

“Talvez se eu me esconder aqui, ninguém me ache”.

Naquele momento, higiene foi a menor das preocupações. Quando viu as fezes dos demais detentos no chão teve a ideia de se sujar todo; afinal, quem iria dar eletrochoque em uma pessoa toda suja de merda? E foi o que fez: pegou o que conseguiu nas paredes e no chão e começou a passar no rosto, pescoço, braços, enfim, onde achasse um lugar livre. Não

demorou muito para que os enfermeiros o encontrassem. Todo esmerdeado. Naquele momento, Austrý se sentiu vingado.

- Mas foi só tomar um choquezinho de nada e esse aí já está se comportando como um dos crônicos!

Sem saber como, consegue driblar os dois e foge. Passa pelo refeitório e continua correndo pelo corredor longo, até chegar a uma porta. Quando entra, vê que está em um lugar sem ter por onde fugir: na enfermaria. Era um lugar aberto, sem muitas coisas, a não ser camas. Camas por todos os lados. Simples, como a dele: de metal, mas o colchão e os lençóis eram mais simples. Sem ter para onde ir, Austrý abaixa-se e rasteja para debaixo de uma das camas. Em silêncio, de bruços, tenta controlar a respiração, mas acaba sendo descoberto pelos enfermeiros. É puxado pelos pés para fora. Cada um pegou austrý de um lado do braço e o tirou arrastando do quarto. Ele fez o que podia; se debateu, tentou segurar na parede, fazendo com que sua mão deixasse um rastro, bateu nos enfermeiros. Se debatendo muito, é aplicado um sedativo nele, e assim os enfermeiros conseguem levá-lo.

Austrý acorda e percebe que aquele não é o seu quarto, e sim o do eletrochoque. Desesperado, corre para a porta e começa a dar murros nela,

BUM, BUM, BUM

ME TIREM DAQUI!!!

BUM, **BUM**, BUM

ME TIREM DAQUI!!!

BUM, BUM, **BUM**

ME TIREM DAQUI!!!

De repente, olhos apareceram na abertura da porta. Assustado, deu um pulo para trás. À medida que ela foi se abrindo, ele foi se afastando mais e mais. Depois que estava

completamente aberta, Austry viu o tão temido carrinho. O corpo todo começou a tremer, novamente corre para frente, tentando sair dali, mas não consegue. É segurado pelos dois enfermeiros, que juntos formavam uma barreira. Mesmo contorcendo e se debatendo muito, é colocado na cama. A figura do médico volta à sua mente. Foi a última coisa que lembrou de ter visto.

A rotina era sempre a mesma: acordar, tomar café, pátio, remédio, almoço, às vezes descanso, às vezes pátio, remédio, café da tarde, medicação, pátio, quarto, janta, medicação e cama. E duas a três vezes por semana, choque.

Mas hoje era um dia especial, diferente de todos os outros. Uma vez por semana os internos, crônicos ou não, tinham direito de receber visita. Era uma distração os verem sendo arrumados, penteados, com roupas bonitas, banhos tomados. Levava praticamente o dia inteiro para ficarem prontos.

Os enfermeiros davam banho nos esquecidos, bastante sabão e espuma. Com uma bucha vegetal, esfregavam para tirar toda aquela sujeira acumulada. Esfregavam, esfregavam e esfregavam. Tanto que a pele ficava vermelha. A espuma ia mudando para um tom cinza, misturando o branco do sabão em pedra com o preto da sujeira. Depois do banho, um enfermeiro enxuga um dos internos; outro joga um pó branco para matar piolhos; outro ajuda um deles a se vestir e por último um dá os últimos retoques no cabelo; uma verdadeira linha de produção.

“Logo que meus velhos vierem me visitar, **eu saio daqui!** Não tem como eles não acreditarem em mim. Sempre acreditaram, por que agora seria diferente?”.

Austry acorda e olha para a porta. Um enfermeiro parado. Já pensa o pior.

- Vá tomar seu café e se arrumar por que hoje você tem visita.

Ele de um pulo sai da cama e pensa:

“É hoje que vou ter minha liberdade desse **inferno!**”

Arrumou-se no banheiro do quarto, do mesmo modo que fazia em casa: com as duas mãos em forma de concha, recolheu a água que caía da torneira e a jogou no rosto, esfregando-o bem. Foi até o criado-mudo onde estavam as suas roupas. Pegou a única camisa

que possuía na vida, listrada de azul claro e branco, e com as mãos um pouco trêmulas pela emoção, começou a abotoá-la, de baixo para cima. Voltou para o banheiro. Pegou o pente que estava em cima da pia. Molhou-o na água da torneira e, assobiando, ia passando-o no cabelos. Pegou um elástico e prendeu-os.

Ao sair, encontrou com Rogério no corredor, encostado na parede, com um cigarro entre os lábios e as duas mãos no bolso de sua calça de interno. Com uma expressão de desconfiança, pergunta:

- Por que tanta **alegria**???

- É **hoje** que saio deste **inferno**! Até qualquer dia, companheiro!

Ao passar por Rogério, esse permanece imóvel, e só responde, com o rosto abaixado:

- Inté!

Vira um pouco a cabeça e segue Austrý com os olhos, ainda com uma expressão de descrença.

Ao sair para o jardim do sanatório, um flash passa pela cabeça de Austrý. Lembrou do seu primeiro dia naquele lugar. Dele pulando os degraus da escada de dois em dois, o rosto do pai quando os enfermeiros o levam, a injeção, ele em casa, estudando... tudo.

Recuperou-se. Foi em direção de seus pais. Não conseguia esconder a felicidade estampada no rosto; Austrý está em êxtase, não pelo bem que o local estava fazendo a ele, mas porque tinha certeza que aquele era o seu último dia naquele que definia como o pior pesadelo de sua vida. Com sorriso e lágrimas, correu para a sua mãe, que o abraçou com toda a força. Ao pai, pediu a benção. A alegria ficou nos rostos de mãe e filho. A satisfação no do pai. Caminharam um pouco até encontrarem um banco. Austrý abraçado com a mãe na frente, o pai atrás, com os dois braços cruzados nas costas, uma mão sob a outra. Mãe e filho se olham com carinho. Ambos passam a mão um no rosto do outro. Tudo estava perfeito, até que a mãe diz:

- **Como você está bonito, meu filho. Engordou...**¹¹

Austrý empurra a mãe, tira o sorriso da face e diz em tom sério:

- Mãe, aqui é um verdadeiro **hospício**!

- Sanatório, meu filho, sanatório - diz o pai.

¹¹ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 111

- **HOS-PÍ-CI-O** - Austrý diz com uma voz insistente, com o corpo pendendo para cima dele e o rosto ficando cada vez mais sério. A voz estava um pouco trêmula, o nervoso começando a tomar conta do corpo do garoto.

- Seja o que for, disse a mãe, está te fazendo bem. Você até está mais gordo!

O espanto dominou o rosto de Austrý.

- Aqui não é o meu lugar! **EU NÃO SOU VICIADO!**

- COMO NÃO É **VICIADO**?! FUMAR MACONHA É O QUÊ??? COISA DE GENTE
DECENTE?? É COISA DE VICIADO!!! DE **VAGABUNDO**!! E FILHO NENHUM
MEU VAI SER **VAGABUNDO**!!!

- VOCÊ NÃO SABE COMO É AQUI DENTRO.

E-ELES APLICAM CHOQUE NA GENTE, CHOQUE!!!

TEM CARA AQUI TODO CAGADO, ANDANDO DE CIMA PARA BAIXO SEM
SABER O QUE ESTÁ ACONTECENDO. SE VOCÊS ME DEIXAREM AQUI, EU VOU ACABAR DO
MESMO JEITO, DOIDO! OUVIRAM??? **DO-I-DO!!!!**

- Isso é tudo frescura.

- Filho – diz a mãe – você está aqui para o seu próprio bem! Eles estão cuidando de
você... o médico sabe o que faz...

- ESSE MÉDICO NÃO SABE BOSTA NENHUMA.

- Olha a boca, **muleque**! – repreende o pai.

- O médico sabe o que ele faz...é estudado...

- Queria ver se fossem vocês que levassem choque, **isso sim!**

A família está sentada em um banco cinza, de concreto. Árvores e o hospício ao fundo.
Pai, mãe e filho gesticulam, discutem. O entardecer começa a tomar conta da paisagem.

Pés de Austrý, andando por um corredor. Está abraçando uma pesada sacola. Suas
mãos conseguem sentir algumas coisas: o formato da maçã. Conta quatro. Talvez cinco. O
contorno de três peras. Um pacote retangular imenso; cigarros, com certeza. Por cima algumas
camisetas. Para os dias de visita. Tocou-as. O tecido era um pouco rústico mas ainda assim era
mais macio do que as roupas do sanatório.

O garoto caminha um pouco pelo corredor, até que sente que há alguém atrás dele. Um pouco encurvado, vira-se, e vê os esquecidos andando todos juntos, na mesma posição que ele. Acelera o passo, enquanto abraça a sacola com toda a sua força. Eles também aceleram o passo. As pernas se movimentam rápido. De repente Austrý tromba com um rosto conhecido: Rogério. Com uma expressão ameaçadora, franzindo a testa, solta um grunhido assustador:

O enfermeiro fecha a porta. Austrý corre até ela e a soca com as duas mãos fechadas. Vira-se e encosta nela.

¹² BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 101

“Aquele colchão de palha unida, sem expressão, nu, com listras largas, em azul desbotado misturando-se com um branco encardido. De quantos gemidos agoniantes ele era testemunha?”¹³

Caminhou até a cama. Ajoelhou-se perto dela. Juntou as mãos em forma de oração. E começou a rezar, alto, chorando:

- “MEU DEUS, **fazei com que esse médico NÃO CHEGUE!** Meu Jesus, **minha Nossa Senhora, pelo amor de Deus!... eu não quero tomar choque.** Não quero, não quero... **Minha Nossa Senhora!** se a **Senhora** **fizer com que esse médico não venha hoje, eu lambo todo o assoalho desse chão. Eu lambo** como penitência, **minha Nossa Senhora!** **fazei com que ele não venha... Eu LAMBO este chão!... EU LAMBO!!...**”¹⁴

Austry se põe de quatro, e diz:

- “Senhora, minha, Mãe Santíssima! **fazei com que ele não venha hoje, eu ENGULO essa sujeira...eu ENGULO!**” (página 101)

Engoliu.

O vermelho do sangue se misturava com o preto da sujeira. Na medida em que lambia o chão, podia sentir aspereza do piso. Parecia que tinham feito o chão da mesma maneira que os muros do pátio. Não era tão pontiagudo, mas também não era liso como o de um hospital deveria ser. Havia algumas saliências. Chegava a sentir as pontas rasgando a sua língua, o corte sendo aberto.

- “Senhora, minha, Mãe Santíssima!... se a **Senhora** **fizer com que esse médico não venha hoje, eu lambo** todo o assoalho desse chão! **EU LAMBO!!...** eu **ENGULO essa sujeira...eu ENGULO!**”¹⁵

De repente uma voz do quartinho ao lado pergunta:

- É você, Austry?

¹³ ¹² ¹³ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 101

- **ROGÉRIO???** – responde Austrý, engolindo a última leva de sujeira e sangue, ainda ajoelhado no chão.

Rogério está sentado no chão, encostado na parede. Ele responde:

- Pois é...

- É foda, cara...

- É... mas o que era tudo aquilo que você estava resmungando, meu?

- Eu tava rezando... tô pedindo a **Nossa Senhora** para que aquele imbecil não venha hoje. Até **LAMBI** o chão para que isso aconteça!

- Desculpa estragar a sua **esperança**, mas... o doutor não falta a uma **sessão de choque**.

- Tem sempre uma primeira vez para tudo...,né?!

- Não hoje... ouvi uma conversa dos enfermeiros... ele tá aqui desde às sete da matina.

- Pô, quer dizer que tudo o que eu fiz não serviu pra **nada**!

- Pois é...

- Cara, **eu não vou aguentar isso... DE NOVO!!!**

S

I

L

Ê

N

C

I

O

De repente a porta se abriu. Perto dela, somente um enfermeiro. Austrý, que estava encostado na parede, foi se levantando, até ficar de pé. Correu para o canto do quarto, tentando fugir, mas não conseguiu. Quando virou-se, viu algo inesperado. Rogério. Com surpresa no rosto, ficou encarando o companheiro. Ele também ficou parado, olhando para Austrý, com um meio sorriso no rosto, esperando alguma reação dele. Foi então que a porta se fechou. Antes que pudesse perguntar alguma coisa, Rogério se adiantou:

- Nada que uns pacotes de cigarros não façam...

hoje????

choque

mais

tem

nã

- Então

- Os cigarros ajudam, mas também não fazem milagre, Austrý. Eu pedi para o enfermeiro me colocar junto com você. Nós dois vamos tomar o choque juntos, assim um ajuda o outro a suportar esse **inferno**.

Os dois companheiros estão sentados na cama. Em um momento, Austry segura no braço de Rogério. Rodinhas. Chave na porta. Os dois permanecem na mesma posição; mas apreensivos.

[illegible]

Ninguém à vista. Até que o médico surge na entrada da porta, com um cano em cada mão. O sorriso largo no seu rosto vai se desfazendo quando vê os dois juntos, dando lugar a uma cara fechada e nervosa:

- Mas por que eles estão juntos?

- Eles me pediram doutor... e... eu fiquei com dó...

A reprovação não saiu do rosto do médico.

- ...Vamos ver no que isso vai dar...

Como em todas as sessões de choque havia dois enfermeiros. Eles seguraram Rogério, cada um de um lado, e calmamente o colocaram na cama. Ele não resistiu, embora a respiração foi aumentando na proporção que o momento chegava. Austrý se mostra curioso com os procedimentos. A respiração de Rogério vai ficando cada vez mais e mais ofegante, o rosto de Austrý vai ficando cada vez mais e mais aterrorizado.

- Научуммммм.¹⁶

Austrý não aguenta: abre a porta e foge, poucos segundos antes da sessão do amigo terminar. O médico, com os dois tubos na cabeça de Rogério faz uma expressão de quem já esperava por isso:

¹⁶ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 89

- O que vocês estão esperando??? **Atrás dele!!!**

Bando de incompetentes...

Austry corre pelos corredores escuros do hospício. Olha para trás várias vezes, apoiando-se meio torto na parede, ofegante. Arregala os olhos. Os dois enfermeiros estão atrás dele. Eles o alcançam, o derrubam e o arrastam de volta para a sala. Austry está no chão, debatendo-se, gritando, chorando, implorando:

- **Não**, por favor, **não! Eu faço qualquer coisa**, vamos entrar em um acordo.

- **Não**, por favor, eu faço o que vocês quiserem.

NÃOOOOO!!!!

Os enfermeiros estão cada um de um lado de Austry, segurando-o por um braço. Viram no corredor, seguem reto, até que entram dentro de uma sala. Fecham a porta.

- Hauuummmm.¹⁷

Refeitório cheio. Talheres batendo no prato. Todos estavam tomando café. Alguns falam de boca cheia, outros bebem um leite com café, outros grunem. Austry, cabisbaixo, sem nenhuma vontade de comer. Lembra do conselho de Rogério. Decide tentar. Quando põe a primeira colher de mingau na boca, a reação imediata foi de colocar tudo para fora. Mas não o fez. O mingau fica passeando dentro de sua boca. De um lado para o outro. Já nem sente mais o gosto. Com muito esforço (e um gole de leite da caneca), fez aquela pasta descer pela goela. Assim que ela atingiu o estômago, começou a sentir ânsia. Para fazê-la passar, inclinou a cabeça para trás, olhando para o teto, e começou a inspirar profundamente e a expirar devagar. Se estivesse em outro ambiente, talvez teria dado certo; mas esse não era o caso. Assim que abriu os olhos e viu na frente dele um interno comendo o mingau com as mãos, sujas, exalando um cheiro de fezes e com os dentes em uma mistura de bege, amarelo e preto, mostrados quando o interno lançou um sorriso para ele. A reação foi imediata; Austry virou para o lado e vomitou o pouco que tinha comido.

Depois disso, não conseguiu mais ficar ali. Levantou-se e saiu o mais rápido possível, meio encurvado, e cambaleando por causa do mal-estar.

Os internos continuaram comendo.

¹⁷ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 89

¹⁸ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 157

Os dois vão para o chão. Os outros internos se aproximam, devagar, encurvados, formando um semicírculo.

Três enfermeiros aparecem. Eles separam Austry e o crônico. Enquanto dois enfermeiros seguravam cada um, outro tirou uma injeção do jaleco. Ele anda calmamente até o crônico, que resiste, obrigando o outro enfermeiro a usar mais força. O enfermeiro com a injeção segurava firme o braço fino do crônico. Enfiou a agulha contra ele.

O rosto do maldito ficou paralisado. O corpo todo repuxado. Os braços tortos, com os dedos das mãos dobrados. Austry ficou abismado.

- To- To – Tor- Tortulina.

O enfermeiro responsável pela aplicação chega na frente dele. A cabeça de Austry se movimentava para cima; os olhos abertos, estatelados, olhando para o enfermeiro.

No momento que recebeu a aplicação, sentiu todos os seus músculos repuxarem, fazendo com que todo o seu corpo se contorcesse, os dedos dobrando para dentro, os braços dobrados, as pernas, enfim, todas as juntas do corpo dobraram. Ficou deitado de lado encolhido, todo torto. O rosto exalava dor. Do modo como estava foi levado pelos enfermeiros.

Um feixe de luz vai aparecendo, concentrando-se no rosto de Austry. Tudo em volta fica escuro, quase preto. Quando acorda, sente o seu rosto pressionado. Aos poucos, foi percebendo que não estava exatamente no chão... que havia algo entre o piso e ele.

Com o resto do corpo paralisado, com exceção de alguns dedos, bateu para tentar descobrir o que era. percebeu que se tratava de uma coisa fina, mas mole. Também notou rasgos; alguns pequenos, outros grandes. E por meio desses rasgos conseguiu sentir e descobriu que o material era espuma. Austry estava deitado em um colchão velho, em pior estado do que o seu, com um cheiro horrível de mofo misturado com urina.

Por causa da Tortulina não conseguia mexer algumas partes do corpo. Os dedos ainda não dobravam direito e a perna estava dura. Os joelhos não dobravam. Para movimentá-la precisava da ajuda das mãos. O pescoço doía. Quase não mexia. Da posição que estava, de bruços, mal conseguia se mover. A única coisa que tinha certeza era que estava somente de cuecas.

Aos poucos, com muita força e insistência, foi recuperando os movimentos. Quando finalmente conseguiu tocar a mão no chão, percebeu que o piso era frio. Bateando, encostou em pedaços de piso, pedrinhas, e algo molhado. Parecia água, mas tinha algo de diferente que ele não sabia bem o que era. Ao levar a mão ao nariz, logo a repeliu. Era urina. Uma minúscula janela gradeada deixava entrar um pouco de luz. Mas mesmo assim não era o suficiente para

ter uma visão completa do quarto. Aliás, da cela. Minúscula, com espaço apenas para uma pessoa. De repente um cheiro insuportável começou a vir do chão. O cheiro foi ficando mais forte conforme o calor foi aumentando. Nesse momento, Austy pode ver um local para depósito das fezes e urina – mais parecido com uma vala, o que o fazia querer distância daquele lugar imundo. O problema era que somente lá tinha um pouco de sol, e ele estava morrendo de frio naquele colchão que mais parecia um pedaço de pano. O corpo ainda estava meio travado, mas resolveu tentar se mover até lá.

Aos poucos, vai virando-o para conseguir ficar com as costas sobre o colchão. Um movimento que levaria poucos segundos, na situação de Austy, leva horas. Austy vira um pouco. Posiciona a palma da mão esquerda para baixo, empurrando o colchão, para tentar facilitar o movimento. Quando chega na metade, para, respirando ofegante. Fica alguns minutos nesta posição. Solta a mão de apoio e começa a jogar o resto do corpo, até conseguir encostar as costas no colchão. Uma vez deitado, com os cotovelos no colchão, apoiou o corpo e o empurrou para trás.

Parou.

Apoiou o cotovelo novamente. Empurrou o corpo de novo. Avançou um pouco mais.

Mais uma vez apoiou o cotovelo.

E mais uma.

E mais uma.

E mais outra.

E outra.

E outra.

E outra.

E outra.

E outra.

Continuou com esse movimento até sair do colchão e encostar na parede do cubículo. O cheiro nem parecia tão insuportável assim, perto daquele sol de tarde que o aquecia. Encostou a cabeça, fechou os olhos, e ficou sentindo os raios atingirem seu rosto. Mesmo com os olhos fechados, conseguia sentir o calor passando por suas pálpebras. Gozou-o mais com os olhos do que com a própria pele. Talvez fosse o único momento de prazer desde que chegou ao hospício. E aproveitou cada segundo. Com um ar de paz e serenidade em seu rosto.

No silêncio do cubículo, ouviu passos vindos do corredor. Um prato de alumínio foi empurrado para dentro, através de uma abertura na porta. Austy vira a cabeça, ainda

encostada na parede, olha para o prato. Não dá muita importância. Volta para a posição inicial e continua aproveitando o pouco de sol.

Tranquilidade: sem esquecidos gritando, debatendo-se por uma bituca de cigarro, sem os abusos dos enfermeiros. Até a parede e o chão eram melhores do que os do pátio. Sem saliências para pinicar suas costas. Sem as pedrinhas do chão que incomodavam tanto...

* * *

Austry está comendo.

Austry está deitado, encolhido de frio no colchão.

Austry está encarando a fossa séptica para as necessidades.

Austry está encostado na parede, tomando o sol.

Austry está comendo.

Austry está deitado, encolhido de frio no colchão.

Austry está encarando a fossa séptica para as necessidades.

Austry está encostado na parede, tomando o sol.

Austry está comendo.

Austry está deitado, encolhido de frio no colchão.

Austry está encarando a fossa séptica para as necessidades.

Austry está encostado na parede, tomando o sol.

Sentado perto da porta, com os joelhos dobrados e braços cruzados, ouviu passos e pratos atingindo o chão. Posicionou-se estrategicamente. Quando parte do braço apareceu para “jogar” a refeição do dia, ele mais do que depressa segurou a mão, colocou a boca na abertura e perguntou em tom de desespero:

- Quando vou sair daqui???

- Na hora da janta - respondeu a voz.

A hora da janta chegou. Austry batia os pés no chão e as mãos no joelho de ansiedade. A portinha se abriu, o prato com a mesma gororoba do almoço. Austry se levantou, correu para lá, tropeçando, não se importando com o chão frio e molhado. Jogou-se na abertura, colocando o rosto grudado nela ao máximo para que a boca ficasse para fora, e gritou:

- QUANDO EU VOU SAIR DAQUI???

Outra voz masculina respondeu:

- Depois da janta.

Engatinhou para trás, pegou o prato e encostou na parede, com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Começou a comer. As lágrimas salgadas escorriam pela face e se misturavam com a pasta bege que era a comida.

Esperou.

Esperou.

Esperou.

Nada.

S

I

L

Ê

N

C

I

O

Engatinhou para o colchão, deitou e dormiu.

No dia seguinte, fez a mesma pergunta para a voz masculina, e ela respondeu.

- Depois do café.

Passava o café e nada. No horário de almoço.

- Depois do almoço.

Nada.

- Depois da janta.

Nada.

Os dias se passaram.

“Não estava mais aguentando ficar naquele cubículo imundo. No dia seguinte a faxineira limpou tudo e deixou alguns cigarrinhos. Verifiquei a descarga do banheiro, onde tinha de ficar de cócoras para cagar. Coloquei a espuma dobrada em um canto. Estraçalhei todo o acolchoado. Deveriam ser umas dez horas. Estavam no pátio, a julgar pelo barulho. Verifiquei novamente a descarga. Acendi um palito de fósforo. Encostei na espuma altamente inflamável. Corri para a descarga e, ajoelhado, com a cabeça entre as pernas e o braço esticado na alavanca da descarga, eu a puxava. Fazendo descer a água. As chamas já eram fortes, o calor na minha pele. Minha cueca começou a pegar fogo, arranquei-a, jogando longe. O calor e a fumaça estavam queimando. Tudo estava passando pela minha frente...”¹⁹

¹⁹ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 159

Conforme tenta sair das chamas, primeiro se abaixando, depois engatinhando até a porta e batendo nela com as mãos fechadas em punho, Austrý relembra os momentos que passou naquele lugar: o primeiro choque, a chegada dele ao hospício. Rogério surgiu na sua mente. “Meu Deus! Está tudo escuro, estou para perder os sentidos. Minha pele está cozinhando. Uma voz...”²⁰

Austrý é puxado para fora por uma mão. Ele sai no meio daquela fumaça preta inspirando profundamente. Nu, todo preto por conta da fumaça, em alguns lugares vermelho por conta de queimaduras, Austrý respirava a liberdade pela primeira vez. O choro veio. Um dos enfermeiros veio por trás e, com um cobertor cinza, cobriu-o. O garoto ajoelhou-se. Abaixou a cabeça.

Fachada do hospício. De dentro, saem Austrý, sua mãe, abraçando o filho, e seu pai, carregando uma pequena mala com os pertences do jovem. Austrý está no meio. Eles andam até o carro. Entram. O pai e a mãe na frente; o garoto atrás, no meio. O veículo sai. O garoto vira para trás e olha para aquele que foi o seu lar por dois anos. Fica encarando-o até ele sumir da sua vista. Vira-se. Agora encara a estrada. A estrada que está devolvendo-o para o seu verdadeiro lar.

²⁰ BUENO, Austregésilo Carrano; *Canto dos Malditos*; Rio de Janeiro: Rocco, 2004; pág 160